

ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *De frente com Gabi*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.99-118, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM POLÊMICA NO DISCURSO RELIGIOSO: SILAS MALAFIA IN “DE FRENTE COM GABI”

THE BUILT OF A POLEMICAL IMAGE IN THE RELIGIOUS SPEECH: SILAS MALAFIA IN “DE FRENTE COM GABI”

Denise de Souza Assis¹
Mônica Santos de Souza Melo²

RESUMO: O discurso religioso ocupa um espaço privilegiado na sociedade contemporânea, agindo diretamente no pensar, sentir e agir dos seus fiéis. Visto essa importância, muitas igrejas e religiosos apostam fortemente na palavra e na argumentação como meio de convencimento e disseminação dos valores da igreja, retratando-os como únicos e verdadeiros. Assim, há o uso daquilo que Brandão (1994) e Maingueneau (2007) definem como discurso polêmico. Nesse trabalho, nos propusemos a fazer uma reflexão sobre a utilização da polêmica pelo discurso religioso, a partir da análise de uma entrevista concedida pelo pastor Silas Malafaia ao programa *De frente com Gabi*. Procuramos interpretar como o *ethos* construído por esse pastor na entrevista pode influenciar na disseminação das ideias da igreja representada por Malafaia.

PALAVRAS- CHAVE: Religião; discurso polêmico; polêmica; homoafetividade.

ABSTRACT: The religious discourse occupies a privileged space in the contemporary society, acting directly on its faithful people's thinking, feeling and acting. Given to this importance, many churches and religious strongly gamble on the speech and argumentation as a way of convincement and spreading the values of the church, portraying those as unique and true. Thus, there is the use of what Brandão (1994) and Maingueneau (2007) define as a polemic speech. In this work, we aim to reflect on the way the polemic speech is used by the religious discourse, having as a start point the analysis of an interview given by Pastor Silas Malafaia to the TV program De frente com Gabi. We are looking forward to interpreting how the ethos built by the pastor in the interview can influence on the dissemination of the church's ideas represented by Malafaia.

KEYWORDS: Religion; polemic speech; polemic; homoaffectionality.

Introdução

A religião exerce grande influência nos processos estruturais, políticos, econômicos e culturais da atualidade. Weber (2005) se dedicou a desvelar o papel da religião como transformadora da ordem social, explicitando que essa prática é um sistema de valores responsável por justificar ou exprimir, no contexto social, mudanças diretamente relacionadas às relações humanas. Dessa forma, muitos dos discursos propagados pela Igreja são tomados como verdadeiras lições e incorporados na vida do

¹ Mestre em estudos discursivos pela Universidade Federal de Viçosa. Professora de Magistério Substituta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: denisesouzaassis05@gmail.com.

²Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG (2003) com Estágio Pós-Doutoral em Análise do Discurso (2012). Professora Associada IV do Departamento de Letras da UFV. E-mail: monicassmelo@yahoo.com.br.

fiel. A religião também atua como formadora da identidade cultural de um povo, sendo utilizada pelos fiéis como uma espécie de “válvula de escape” e alívio para os desafios e conflitos do dia a dia, tais como problemas espirituais e até mesmo físicos. Assim, a Igreja e a religião cada vez mais se tornam responsáveis pelo “pensar” e até mesmo pelo “sentir” dos seus fiéis. Essa responsabilidade advém muitas vezes do falar dos religiosos, que se colocam como sujeitos fortes e, sobretudo, convincentes e bem articulados ao defender o poder de Deus e da Igreja sobre o indivíduo. Entretanto, essa influência sobre o comportamento dos indivíduos é, em geral, bastante conservadora e se concretiza em discursos ditos polêmicos e retrógrados respaldados na Bíblia e que, por isso, têm um grande efeito sobre uma grande parcela da sociedade.

Segundo Brandão (1994), polemizar é falsear o outro e tentar colocar a opinião do falante como exclusivamente verdadeira e passível de respaldo. Dessa forma, é possível dizer que esse tipo de discurso é escolhido como ferramenta em práticas discursivas do domínio religioso, na medida em que muitos líderes religiosos expõem as teses pautadas na Bíblia como as únicas que devem ser respeitadas. Essas ideias são disseminadas no espaço religioso, nas missas, cultos e pregações, bem como em espaços neutros com a ajuda dos dispositivos midiáticos. A transposição do discurso religioso para o espaço aparentemente neutro das mídias não apenas significa uma ampliação das redes de influência possíveis, mas também contribui para imprimir ao discurso uma espécie de autenticação, típica do discurso midiático, já que este tem que atender a condições de veracidade, uma vez que lida o tempo todo com a necessidade de passar credibilidade, ou seja, de “fazer crer que o que é dito é verdadeiro” (CHARAUDEAU, 2006, p. 90).

Levando em consideração a importância e a visibilidade do discurso religioso na sociedade atual, e a formação de opinião sobre os diversos valores e questões éticas e morais da contemporaneidade que este promove, vimos a necessidade de refletir sobre o uso do discurso polêmico pela religião. Para isso, selecionamos um programa de entrevistas que se preocupa em tratar de temas de relevância na atualidade.

Trabalhamos, então, com uma entrevista do pastor Silas Malafaia concedida ao programa *De frente com Gabi*, exibido na madrugada de domingo, 03 de fevereiro de 2013, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). A partir desse *corpus*, pretendemos fazer uma reflexão acerca do discurso utilizado por Silas Malafaia em relação à

homoafetividade, que foi considerado por muitos ativistas e pela mídia como intolerante. Para isso, apresentaremos, a princípio, a definição do discurso religioso proposta por Orlandi (1987). Em seguida, trabalharemos a noção de discurso polêmico discutida por Maingueneau (2007) e Brandão (1994). Trataremos, também, da questão do *ethos*, a imagem de si construída no discurso, que também está amplamente ligada ao discurso polêmico, nesse caso. Para isso, recorreremos à descrição de Amossy (2014) e Charaudeau (2015). A partir desse quadro teórico propomos, como objetivo de estudo, entender como a palavra no discurso religioso representa uma importante fonte de persuasão e convencimento e pode ser responsável pelo pensar, sentir e até mesmo agir daqueles que a seguem. Embora haja trabalhos, especialmente no âmbito da Sociologia, que tratam do processo de midiatização da religião, a proposta que aqui se apresenta possui a especificidade de abordar esse fenômeno na esfera dos estudos discursivos e argumentativos, procurando observar como a mídia pode fomentar os debates em torno de questões polêmicas de cunho religioso e social, por meio de uma adaptação de estratégias e procedimentos ao espaço midiático. Finalmente, destacamos a atualidade da discussão em torno das relações homoafetivas e das questões relacionadas à ideologia de gênero, discussão essa que se faz cada vez mais presente no cenário de intolerância que vem se acentuando nos nossos dias.

Discurso religioso: algumas características e considerações

Acreditamos que um maior entendimento sobre as características gerais do discurso religioso se faz necessário para a compreensão do nosso objeto de estudo. Apontaremos características ressaltadas principalmente por Orlandi (1987), que se dedicou a refletir sobre as propriedades gerais do discurso religioso, focando no discurso católico, bem como por Maingueneau (2008), que trouxe reflexões sobre esse discurso, principalmente no que se refere ao gênero sermão.

O discurso religioso, juntamente com o discurso literário e o discurso filosófico, integra os chamados *corpora* de prestígio. Segundo Maingueneau (2008), mesmo que o discurso religioso não possua nada de marginal, ele normalmente é pouco estudado e necessita de pesquisas e trabalhos mais sistemáticos. Além disso, o autor também explicita o fato de esse discurso englobar “textos cuja simples compreensão implica o

conhecimento de um vasto intertexto, que pode não ser acessível a todos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 199). No entanto, não podemos esquecer que, segundo Orlandi (1987), todo discurso é incompleto e necessita de outros discursos como complemento. Em virtude disso, a autora explica que o sentido de um discurso se constitui a partir do contexto da enunciação e de características sociais, culturais e históricas, o que faz com que esse sentido escape ao domínio total do locutor.

Maingueneau (2008) também ressalta o fato de que muitos analistas do discurso se preocupam em estudar textos que trazem interesses sociais imediatos, o que para ele não é o caso do discurso religioso. Esse discurso englobaria textos que mantêm uma relação indireta com a realidade social. Entretanto, como prática social, a religião, segundo Pereira (2008), é vista como um veículo de poder e política que transforma a sociedade a partir do sagrado. Assim, incorporada no discurso religioso, essa prática trabalha com aspectos relevantes da sociedade, tendo em vista que as instituições religiosas estão presentes diretamente nas discussões mais polêmicas que são o cerne da sociedade contemporânea.

Mesmo apresentando essas considerações, Maingueneau (2008) é enfático ao dizer que o discurso religioso está extremamente presente no mundo contemporâneo, fato que nos é confirmado, principalmente, pela sua presença na televisão, uma vez que se constatam nos últimos anos a consolidação de canais de TV religiosos e a ampliação do oferecimento de programas de cunho religioso voltados, em geral, para a captação de fiéis. Esses fatos refletem o crescente poderio econômico das igrejas na atualidade, que proporciona a compra e manutenção de canais de TV religiosos e de espaço nas demais emissoras. Portanto, por ser tão importante no que diz respeito às relações sociais e por estar presente na sociedade contemporânea e agir diretamente na vida dos fiéis, fazem-se necessários estudos e discussões que abarquem o discurso religioso.

Orlandi (1987) nos mostra que a *assimetria* que permeia as relações entre instância de produção e instância de recepção é uma das principais marcas do discurso religioso. Essa assimetria revela uma hierarquia entre o plano espiritual e o plano terreno, uma vez que a instância de produção é constituída por Deus, pela Igreja e pelos representantes desta instituição, que falam representando Deus. E a instância de recepção se compõe pelos fiéis e devotos. Entretanto, os representantes do plano terreno não podem ocupar o espaço do locutor, que é de Deus. Esse espaço é preenchido através

de uma relação simbólica, já que, no discurso católico, o padre fala em nome de Deus e no discurso protestante essa fala fica por conta do pastor.

De acordo com Orlandi (1987), no discurso religioso, aquele que fala em nome de Deus não tem autonomia para modificar essa voz. Segundo a autora, “há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz da Deus: a relação do representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias” (ORLANDI, 1987, p. 245). Por isso, vemos tão constantemente as Igrejas centradas nos preceitos bíblicos e teológicos, justificando as tomadas de posição com argumentos pautados principalmente na Bíblia, que é considerada pela Igreja como a materialização da palavra de Deus. Sobre isso, a autora ainda acrescenta que:

Dada a forma da representação da voz, e dada a assimetria fundamental que caracteriza a relação falante/ouvinte no discurso religioso, mantém-se a distância entre o dito de Deus e o dizer do homem, ou seja, há uma separação (diferença?) entre a significação divina e a linguagem humana, separação essa que deriva da dissimetria entre os planos (ORLANDI, 1987, p. 245).

Desse modo, o discurso religioso reforça a diferença entre o plano espiritual e o plano terreno, mostrando, assim, a superioridade da Força Maior que centraliza esse tipo de discurso, no caso, a figura de Deus. Além disso, essa separação traz certa regulação para os sentidos provenientes da fala deste Ser Superior. Quanto a isso, Orlandi (1987) nos fala que os significados desses discursos não são quaisquer significados, visto que o discurso religioso se classifica, muitas vezes, como monossêmico. Como forma de ilustrar esse pensamento, a autora cita o Cristianismo, que tem a Bíblia como texto próprio. Assim, é possível dizer que a Igreja mantém estreito domínio sobre o discurso religioso e suas diferentes manifestações.

Nessa perspectiva, o discurso religioso mantém relação direta com o sagrado e se configura por ser menos formal se comparado ao discurso teológico. Há rituais que comandam esse tipo de discurso, como, por exemplo, as orações que são utilizadas com o intuito de que o fiel fale diretamente com Deus, que é um Ser onipresente e onipotente. A partir da oração e do contato com esse Ser Superior, que o discurso religioso proporciona, a religião, por meio das práticas discursivas, manifesta sobre o fiel um grande poder. Por meio de símbolos e pela instituição do sagrado, esse poder pode afetar as crenças, os pensamentos, os comportamentos e as ideias dos devotos. Em

virtude disso, é que podemos dizer que a palavra no discurso religioso possui grande força e é, por isso, uma fonte de convencimento.

Através da oração, do espaço das Igrejas e do contato com a religião, o fiel pode falar com Deus e concluir Sua misericórdia, a partir do relato dos conflitos e problemas, sejam espirituais ou físicos. Entretanto, nessa interlocução, há o que Orlandi chama de *dissemetria*. Ela advém da hierarquia que a relação entre o plano espiritual e o plano terreno convoca, já que “de um lado, temos sempre a onipotência divina, de outro, a submissão humana” (ORLANDI, 1987, p. 247). Para mostrar o funcionamento dessa dissemetria, a autora nos explica que:

Como a dissemetria se mantém, é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter mérito, ter fé, etc. É preciso, pois, que eles assumam a relação da dualidade, a relação com o Sujeito diante do qual a alma religiosa se define: esses sujeitos, para serem ouvidos, assumem as qualidades do espírito, qualidades do homem que tem fé (ORLANDI, 1987, p. 247).

Desse modo, parece que a Igreja oferece os mecanismos para que o fiel possa se comunicar com Deus, mas espera que esse devoto possa recompensar esse contato, agindo em conformidade com os preceitos dessa instituição. Por isso, o discurso religioso é tão enfático em justificar suas atitudes e doutrinas com a Sagrada Escritura, para que, dessa forma, o fiel acredite que é Deus quem impõe tais ideias, e que Ele espera que o devoto o atenda e o respeite.

O Ethos e a construção da imagem de si: da Retórica aos estudos discursivos

O *ethos* é uma prova ou meio de persuasão estudado desde a antiguidade sendo relacionado ao caráter de quem fala. Conforme Aristóteles (2005), a persuasão de um discurso deve-se ao caráter moral do orador (o *ethos*) que, juntamente com o *logos* e o *pathos*, compõem a tríade responsável pela persuasão. Para o autor, persuadir pelo caráter é necessário, pois somos levados a acreditar em pessoas que se colocam como honestas e de confiança. Dessa forma, na Retórica, o *ethos* está estritamente ligado à moral do orador. Entretanto, segundo Amossy (2014a), alguns estudiosos romanos, tais como Quintiliano e Cícero, associavam o *ethos* à vida do orador e ao seu posicionamento social. Para eles, esse meio de persuasão não estava restrito apenas ao

que era dito. Segundo Charaudeau (2015), a filiação de Aristóteles inscreve o *ethos* no ato de enunciação, ou seja, na própria fala do sujeito argumentante. O linguista afirma que essa posição é a tomada pelos analistas do discurso que reconhecem o *ethos* como a imagem construída pelo locutor para que o seu interlocutor veja e entenda.

Segundo Amossy (2014a), os antigos reconheciam como *ethos* a construção de uma imagem de si que tinha a intenção de adesão de um determinado auditório. Logo, ficava a cargo do locutor a criação de uma imagem que pudesse causar uma boa impressão ao seu interlocutor. De acordo com Barthes (1990), aludido por Amossy (2014a), essa boa impressão é o *jeito* do orador, que enuncia uma informação e, através dela, diz ser alguma coisa.

De acordo com Amossy (2014a), todo ato de tomar a palavra faz com que o orador construa uma imagem de si, sendo que essa apresentação de si ocorre nas trocas verbais mais corriqueiras. Entretanto, a autora ressalta que essa construção não é feita como um autorretrato do orador a partir do detalhamento de suas qualidades, uma vez que:

Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências (AMOSSY, 2014a, p. 9).

Dessa forma, podemos pensar que a construção de uma imagem de si pressupõe as opiniões do sujeito que fala, sendo que elas refletem a forma como esse sujeito se enxerga e enxerga o seu alocutário; assim, o *ethos* se constitui como involuntário, como explica Charaudeau (2015). Grande parte dele é inconsciente, visto que, muitas vezes, o locutor não tem controle sobre a imagem construída, o que pode levar o destinatário a construir uma imagem não compatível com a criada pelo locutor. Amossy (2014b) também nos lembra que o *ethos* discursivo está estritamente ligado à posição institucional do locutor, já que:

[...] a posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia. Esse ethos pré-discursivo faz parte da bagagem dóxica dos interlocutores e é necessariamente mobilizado pelo enunciado em situação (AMOSSY, 2014b, p. 136).

Assim, é possível dizer que coisas simples como um nome ou a assinatura do falante já evocam representações que são consideradas dentro da troca. Logo, podemos concluir que o *status* do locutor contribui efetivamente na sua construção verbal e na construção de sua imagem, o que pode ser considerado um *ethos* prévio. Segundo Amossy (2014b), uma imagem de si construída no discurso nos revela a capacidade que o locutor tem de agir sobre seus destinatários. Haddad (2014), por sua vez, reitera que o locutor constrói uma imagem condizente com o seu objetivo argumentativo, tendo em vista uma ideia que o seu destinatário projeta dele. Dessa forma, esse autor reforça que “o ethos prévio ou pré-discursivo condiciona a construção do ethos discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento” (HADDAD, 2014, p.148). Também de acordo com Charaudeau (2015), o *ethos* está ligado ao papel do sujeito falante enquanto enunciador. Partindo dessa perspectiva, esse autor salienta que:

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso- o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2015, p. 115).

A partir disso, percebemos a importância da identidade do falante na construção de uma imagem de si, já que, pela identidade social do locutor, conforme afirma Charaudeau (2015), o falante tem o direito à palavra e pode se legitimar através do seu papel social e, como sujeito que enuncia, o falante “aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si” (CHARAUDEAU, 2015, p.115). Dessa forma, podemos pensar que o que falamos está estritamente ligado ao que somos e ao que o outro enxerga de nós.

De acordo com Maingueneau (2014), o *ethos* está ligado diretamente a uma reflexividade enunciativa. Esse autor estabelece relação entre corpo e discurso, devido ao fato de a instância subjetiva manifestada no discurso se estabelecer também como

voz e como um corpo enunciante. De acordo com esse autor, para que o interlocutor crie uma imagem do falante, o locutor se investe de um caráter e de uma corporalidade, que variam de acordo com cada texto. Levando em consideração o que foi exposto, o linguista nos diz que:

O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O ethos implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global (MAINGUENAU, 2014, p. 72).

Podemos dizer que, ao nos mostrar que o *ethos* está ligado à corporalidade e ao caráter, Maingueneau (2014) se aproxima das ideias de Charaudeau (2015), que aborda a existência dos *Ethe*³ de *identificação* e de *credibilidade*, através dos quais o falante constrói sua imagem de forma que o interlocutor possa se identificar com ele e enxergar que se trata de alguém que transmite confiança.

Análise de dados

O programa estudado e o sujeito em cena: quem são?

O programa *De frente com Gabi* foi apresentado no SBT, pela jornalista e apresentadora Marília Gabriela⁴. A atração foi de grande popularidade, o que pode ser comprovado, principalmente, pelo fato de o programa ter sido exibido por vários anos nessa emissora. A atração deixou de ser transmitida em março de 2015, por iniciativa da entrevistadora, que revelou não querer mais atuar na televisão aberta. Na época, o dono do SBT, o apresentador e empresário Sílvio Santos, lamentou publicamente a perda da entrevistadora.

O programa era exibido semanalmente, aos domingos, após o programa “Sílvio Santos”. Era comum o apresentador Sílvio Santos finalizar sua atração conversando com Marília Gabriela a respeito do convidado que seria entrevistado por ela naquele dia.

³ A noção de *ethé* (CHARAUDEAU, 2015) se refere ao plural de *ethos*, levando em consideração, também, as características físicas, psicológicas e sociais do sujeito.

⁴ De 1995 a 2000, Marília Gabriela trabalhou no SBT, correspondendo esse período à primeira fase do *De frente com Gabi*. De maio de 2002 a maio de 2003, depois de uma passagem pela Rede TV, Marília Gabriela voltou a apresentar o *De frente com Gabi*. A última fase do programa no SBT teve início em 2010 e se encerrou em fevereiro de 2015; foi dessa última fase que coletamos a entrevista analisada neste trabalho.

ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *De frente com Gabi*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.99-118, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Desse modo, então, suas entrevistas eram iniciadas a partir de um diálogo com o dono do SBT. Havia, desse modo, uma interação entre os apresentadores permitindo que o público percebesse uma integração na emissora. Isso pode ser visto como uma alternativa de acolhimento do público, já que o programa, mesmo sendo exibido por volta de 00:00, era classificado como um programa de entretenimento e informação para toda a família.

No *site*⁵ da emissora, em um espaço destinado ao programa, há uma pequena descrição sobre a atração. Nessa apresentação, há destaque para os temas que são abordados nas entrevistas, tais como, política, economia, medicina, cultura e temas como pedofilia, eutanásia, bioética e sexo, entre tantos outros. Assim, há no programa o destaque para informações e temas de interesse social. Também chama a atenção o cenário do *De frente com Gabi*, que possui apenas um fundo preto, duas cadeiras e uma bancada de acrílico. A escolha desse cenário propicia o foco nos sujeitos da interação, de forma que o telespectador fique atento às discussões.

Nosso sujeito analisado é o pastor Silas Lima Malafaia, conhecido comumente como Silas Malafaia⁶, que é um pastor pentecostal brasileiro. Ele é nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1958, e graduado em Psicologia. Além de pastor, Malafaia é considerado um grande televangelista que coordena e apresenta o programa ‘Vitória em Cristo’, que está há 30 anos no ar, sendo apresentado na TV Band e na Rede TV.

Silas Malafaia se coloca abertamente como polêmico e defensor dos princípios e valores morais, éticos e cristãos. Entre suas principais pautas está a defesa da família, fundamentada nos princípios da Bíblia. O pastor é constantemente convidado a participar de congressos, palestras e ministrar estudos bíblicos, devido à sua notoriedade como grande pregador do Evangelho de Cristo. Essa sua fama de evangelizador, juntamente às suas ações sociais, já renderam a Malafaia diversas homenagens, como o título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro; a medalha de Pacificador, concedida pelo Exército

⁵ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/programa/>. Acesso em: 20 jul. 2017.

⁶ Algumas informações foram retiradas do *site* oficial da Associação Vitória em Cristo. Disponível em: http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-pr-silas/. Acesso em: 20 jul. 2017.

ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *De frente com Gabi*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.99-118, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Brasileiro, e a Medalha do Mérito Legislativo, maior honraria concedida pela Câmara dos Deputados.

O ethos e a construção de uma imagem polêmica

As entrevistas do programa *De frente com Gabi* sempre eram iniciadas a partir de uma apresentação breve do entrevistado. Essa apresentação era feita por Marília Gabriela, de forma a realçar os pontos principais do convidado e nortear o espectador para o que seria discutido no programa naquela noite. Ao apresentar Silas Malafaia, Marília Gabriela faz a seguinte descrição:

(1) Tô de frente hoje com um pastor evangélico dos mais conhecidos e polêmicos do Brasil. Silas Malafaia, carioca de nascimento, mas abraçou uma fé que ultrapassa fronteiras. Malafaia tem o dom da palavra, poder que ele exerce há quase 30 anos em programas de televisão transmitidos aqui, nos Estados Unidos, Europa e África. É líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo e combate abertamente a homossexualidade e o aborto [...].

Nessa pequena apresentação, observamos, a partir da primeira frase da entrevistadora, umas das características mais marcantes do pastor, no caso, a polêmica. Ela alega que ele possui o dom da palavra e discute abertamente temas polêmicos.

As falas de Silas Malafaia são frequentemente marcadas por gírias e léxicos que demarcam exageros, expressam preconceitos e revelam sua forma impulsiva de manifestar a opinião através de um falar mais enfático. Essa maneira de dizer é marcada por gestos e sinalizações que permitem a associação de sua presença na mídia a uma espetacularização. O tom que Silas imprime à fala agrada pela audiência que abarca, mas incita a polêmica e o debate de ideias de forma incisiva. Na entrevista em questão, destacamos um excerto que exemplifica essa atitude:

(2) Que que significa se essa lei estiver aprovada? Se no pátio da minha Igreja tiver um casal de homossexuais se beijando e eu botar pra fora, 3 a 5 anos de cadeia. Quer que eu vou dar esse mole pra eles? NUNCA.

Segundo Brandão (1994), a natureza da polêmica instaura um espetáculo, em que a arma é a palavra. Assim, Silas Malafaia procura convencer e captar devotos

através do discurso polêmico e de uma construção de imagem de si que se estabelece por essa natureza. Brandão ainda acrescenta que na instauração da polêmica “recusa-se, claramente, a fala do interlocutor, procurando apagá-la da cena enunciativa para fazer prevalecer sua fala” (BRANDÃO, 1994, p.3). Essa é a atitude de Malafaia, que procura fazer sua fala prevalecer e se sobrepor à fala da apresentadora, que é contrária às ideias do pastor, como verificamos nas passagens seguintes:

(3) **Silas Malafaia:** [...] Então, vou fazer uma definição de homossexualismo: um homem e uma mulher...

Marília Gabriela: Homossexualidade.

Silas Malafaia: Homossexualismo, a prática. Eu posso falar homossexualismo ou homossexualidade. Não tem...

(4) **Marília Gabriela:** Venha cá. Os seus fiéis, imagino, entre eles deve haver homossexuais.

Silas Malafaia: Que foram ou que estão buscando sair.

Marília Gabriela: Mas existem...

Silas Malafaia: Mas estão buscando sair...

No excerto (3), introduz-se o embate terminológico envolvendo as nomeações *homossexualidade* e *homossexualismo*. Embora a apresentadora procure destacar que o uso do termo *homossexualidade* seria mais apropriado, Malafaia insiste em usar o termo *homossexualismo*, o qual se repete na fala do pastor até o final da entrevista. Já em (4), Malafaia admite apenas parcialmente a possibilidade levantada pela entrevistadora de que existam homossexuais na sua igreja, destacando que aqueles que se assumem como homossexuais estariam “buscando sair” dessa condição. Dizendo isso, sugere que a homossexualidade é uma condição indesejada, das quais seus fiéis tentam se livrar e, ainda, leva a crer que se trata de um comportamento reversível.

Nos dois casos, há uma recusa por parte do pastor em adotar a proposta da entrevistadora e, ao mesmo tempo, uma tentativa de impor seu ponto de vista.

De acordo com Maingueneau (2007), o discurso polêmico é construído a partir de um processo de intercompreensão, no qual o locutor deseja construir uma imagem positiva de si a partir da construção de uma imagem negativa do outro. Logo, na entrevista em questão, isso é evidente, na medida em que a polêmica se constitui a partir da revelação de posicionamentos tradicionalistas e conservadores por parte do entrevistado, no que concerne às relações homoafetivas. O pastor faz uso da palavra para desqualificar a prática homossexual e, consequentemente, o responsável por essa

prática, principalmente quando discorre sobre sua não concordância com a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, como no fragmento abaixo:

(5) **Silas Malafaia:** Eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, como você cita. Porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam.
[...] **Marília Gabriela:** Oh, Silas. As famílias mudaram. A sociedade como um todo mudou, mudou tudo.

Silas Malafaia: Eu não acredito nisso. Vamos ver daqui 60, 70 anos o que vai acontecer.

Segundo Maingueneau (2007), a natureza do discurso polêmico se baseia na negação da ideia do outro. Dessa forma, é possível pensar que o *ethos*, na entrevista do pastor Silas, se dá através da polêmica, que é utilizada pelo pastor como forma de construir uma imagem de credibilidade e possivelmente convencer o público.

O tema central discutido na entrevista do pastor é a homoafetividade, sendo que esse sujeito defende que se trata de uma prática comportamental, não sendo, portanto, inata. Entretanto, nos excertos (6) e (7), encontramos, na fala de Marília Gabriela, uma oposição à tese de Malafaia de que a homossexualidade é comportamental. Dessa forma, o pastor, ao se ver contrariado, reage de maneira “agressiva” e “impetuosa” com as palavras, e se procura se mostrar como uma pessoa que sabe do que está falando e possui meios para provar que expõe uma tese verdadeira. O sujeito em questão se coloca nitidamente contrário às exposições da apresentadora, que se apresenta em defesa da homossexualidade. Ao se posicionar, podemos afirmar que a apresentadora transgride o seu papel de entrevistadora, que deveria apenas direcionar perguntas ao pastor. A polêmica se instaura, portanto, no momento em que Malafaia se “volta contra” à apresentadora, tentando comprovar que seu posicionamento está correto, através da citação de argumentos do campo da Genética, e, no segundo exemplo, através do uso da expressão *e eu tenho argumento*, que demonstra um *engajamento* do locutor diante de seu posicionamento. Na fala de Silas Malafaia, percebemos também que, mesmo implicitamente, o pastor constrói uma imagem que perpassa os *ethé* de identificação e de credibilidade propostos por Charaudeau (2015). Nos excertos (6) e (7), o pastor se vale do *ethos* de credibilidade, de forma a se colocar diante do interlocutor como *digno de crédito*. Segundo Charaudeau (2015), “a credibilidade repousa sobre um *poder fazer*, e mostrar-se crível é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder”

(CHARAUDEAU, 2015, p. 119). Ao citar a Genética e expor contestações que garantem uma verdade a sua tese, Malafaia quer se colocar como conhecedor do que está falando, mostrando que tem fundamentação para comprovar suas teses. É possível dizer que, para o pastor, o crédito que ele precisa será atingido a partir das provas que ele mostra, no caso, as constatações a respeito da Genética. Na verdade, Malafaia acaba transmitindo uma imagem de um ser que “vence” pelo discurso insistente e repetitivo.

(6) **Silas Malafaia:** Ninguém nasce gay. Homossexualismo é um comportamento.

Marília Gabriela: Isso é contestável.

Silas Malafaia: Eu vou fazer uma definição. Então vamo lá. É contestável? Eu mando vim na Genética. Quem pode dizer se alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia é a Genética. É a ciência, igual aborto. Quem pode dizer onde começa a vida? É a Biologia.

Marília Gabriela: Você sabe que as últimas pesquisas andaram mapeando cérebro de gene aí.

Silas Malafaia: Não deu nada.

Marília Gabriela: Deu sim.

Silas Malafaia: Deixa eu te falar uma coisa que é muito interessante. Não existe uma ordem cromossômica homossexual. Não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e de fêmea.

(7) **Marília Gabriela:** Nós estamos conversando e você disse assim...

Silas Malafaia: Ninguém nasce homossexual. Foi minha resposta pra você. E eu tenho argumento. O que que é a ciência? Ciência tem que ter observação. Por que evolução é teoria? Por que você não pode comprová-la na observação.

No excerto explicitado abaixo, percebemos que Malafaia constrói uma imagem de identificação que se constitui no *ethos* de vítima. Pelo exemplo, percebemos que ele se vitimiza para desqualificar os homossexuais, colocá-los como errados e deslegitimar seus direitos. O pastor tem o propósito de mostrar que os homossexuais são pessoas agressivas, que pretendem não apenas requerer seus direitos, mas também obter privilégios e que procuram fazê-lo a partir da ação de violência.

(8) Eu fui ofendido com a suástica. Na reunião da comissão com a cidadania, botaram meu nome com a suástica, que é crime no Brasil. Eles querem uma lei pra atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos acima de todos.

Nos excertos (9) e (10), o pastor utiliza a Bíblia como forma de respaldar sua posição contra a homossexualidade, pois, segundo ele, a Bíblia trata a homossexualidade como *um pecado claríssimo*. Podemos dizer que, ao utilizar a

Sagrada Escritura como forma de justificar seus posicionamentos, Malafaia também cria os *ethé de credibilidade*, a partir da condição de *sinceridade* ou de *transparência*. Essa condição mostra que “o indivíduo pode ser julgado digno de crédito se houver condições de verificar que aquilo que ele diz corresponde sempre ao que ele pensa” (CHARAUDEAU, 2015, p. 119). Isso pode ser justificado pelo fato de ele deixar explícito que suas exposições se referem a crenças e valores que condizem com os preceitos da Bíblia. Essa credibilidade advém do *ethos de competência*, pois, como liderança religiosa, esperamos que Malafaia seja um convededor do Texto Sagrado. Segundo Charaudeau (2015), para demonstrar *competência*, o argumentante precisa ter conhecimento profundo a respeito do domínio particular no qual exerce sua atividade. A partir da exposição da Bíblia, Malafaia espera que o interlocutor o reconheça por essa competência religiosa. Além do mais, ele espera demonstrar grande conhecimento científico ao justificar suas teses a partir de argumentos da ciência. As respostas convictas do pastor mostram um *engajamento* na exposição de suas opiniões e demonstram que ele não se importa com as opiniões e julgamentos contrários. É o que observamos nos excertos (9) e (10):

(9) Então, a Bíblia define o que é pecado. Então, eu não estou aqui pra acusar A, B ou C. Estou aqui pra condenar o pecado. Então, na minha visão, ok? Crença e valores, da minha visão espiritual, do que eu creio na Bíblia. Homossexualidade, adultério, prostituição são pecados claríssimos à luz da Bíblia.

(10) Eu sigo aquele livro, é a única fonte de conhecimento filosófico, teológico, científico e vulgar. Não tem outro livro no mundo que tem essas quatro fontes de conhecimento. Só a Bíblia. Nenhuma verdade científica da Bíblia até hoje foi derrubada.

As Igrejas cristãs, independente de sua vertente, protestante ou católica, se preocupam sempre em difundir um legado de amor e valorização do outro, de forma que prevaleçam valores como o respeito e a solidariedade para com o outro. Silas Malafaia, mesmo com a exposição clara de suas opiniões e convicções, preocupa-se em manter esse legado. Assim, pelo *ethé* de identificação, o pastor cria um *ethos de humanidade*, que é a capacidade do ser humano em demonstrar sentimentos em relação ao outro. Sendo assim, nos excertos (11) e (12), ele manifesta publicamente um sentimento de afeto e amor em relação aos homossexuais, mas reitera que não concorda com o

relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. O *ethos de humanidade* se vê entrelaçado por um *ethos de sinceridade*, pois o pastor declara amor somente à pessoa, mostrando que a Igreja é compassiva e não julga o ser humano, mas ele demonstra sinceridade ao reafirmar que não concorda com a prática homossexual.

(11) Eu posso defender minhas teses com maior veemência possível e não significa que eu odeio as pessoas. Eu sou muito veemente para defender meus princípios, você mesmo já falou. Eu sou polêmico, meu jeito, defendendo com muita vontade. Eu amo demais. Uma vez um repórter perguntou assim pra mim: “Pastor, se seu filho for homossexual como o senhor agiria?” eu amaria 100% e discordaria dele 100%. Quem disse que amar é dizer amém?

(12) Eu amo os homossexuais, mas discordo 100% de suas práticas.

No excerto (11), percebemos que o próprio pastor se reconhece como polêmico e justifica essa sua característica através da sua capacidade de defender com veemência os princípios que julga corretos. Dessa maneira, confirmamos aqui a construção da imagem de polêmica que faz parte da identificação do pastor em questão.

De acordo com Charaudeau (2015), a forma de falar se apoia principalmente na vocalidade, que se distingue pelo *bem falar*, o *falar forte*, o *falar tranquilo* e o *falar regional*. Na fala do pastor, identificamos os dois primeiros procedimentos. O *bem falar* relaciona-se à utilização de uma linguagem padrão, da norma-culta, que evidencie qualidades do orador e sua posição elevada na hierarquia social. Silas Malafaia, além de pastor, líder religioso e conferencista no Brasil e no mundo, também possui ensino superior, sendo formado em Psicologia. Devido à sua posição social, é esperado que o pastor faça uso de construções linguísticas elaboradas que estejam de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa. Porém, percebemos que a fala de Malafaia é marcada por algumas construções informais, sem sentido completo e com alguns problemas de concordância verbal e nominal, o que nos leva a dizer que ele não se encaixa totalmente no “bem falar” expresso por Charaudeau (2015). Essa coloquialidade manifesta-se em vários momentos da fala do pastor, dos quais destacamos as seguintes passagens:

(13) Um dia, Gabi, traga aqui Joith. É um pastor que foi travesti na Europa e está casado há doze anos. Eu falando é uma coisa. Você tem que ver. Ele tem foto como travesti, bonitão, peitão, coxão, bá, bá, bá. Ele tem as fotos.

ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *De frente com Gabi*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.99-118, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

(14) A minha igreja é uma igreja muito fincada na palavra, isto é, lá não tem blá blá blá, de conversinha fiada. O cara tem que abrir a Bíblia e ensinar a Bíblia.

A elevação do tom de voz do pastor, que se sobressai principalmente nos momentos em que ele se vê contrariado, ajuda na construção da imagem de um ser forte com grande capacidade de liderança. Essa característica está ligada ao *falar forte*, que, segundo Charaudeau (2015), ajuda na construção da imagem de um líder poderoso e combativo. Segundo o autor, para *falar forte*, a dicção do argumentante não pode ser nem muito lenta nem muito rápida, apenas relativamente acelerada. O *falar forte* do pastor está ligado à sua frequente gesticulação durante a entrevista, o que nos permite constatar que os gestos e sinalizações utilizados durante sua fala combinam com sua tonalidade de voz. A imagem abaixo corresponde a um dos momentos em que a gesticulação de Malafaia se associa a um falar mais enfático durante a entrevista:



Figura 1 – gesticulação de Silas Malafaia
Fonte: *Youtube*⁷

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yCAu0V_Tq7w. Acesso em: 04 Nov. 2017.

Essa postura associada ao tom de sua fala propicia a formação de um conjunto que constrói um líder forte, que pretende vencer pela palavra e incisão na forma de falar, que se articula ao falar polêmico.

Considerações finais

Ao analisarmos a fala e o discurso polêmico do pastor, podemos dizer que sobressaíram pensamentos preconceituosos. Observamos, dessa forma, que Silas Malafaia, ao argumentar, se posiciona de forma polêmica, com um falar forte, que não se exime meio a contestações e reprovações. Entretanto, ele não se adequa perfeitamente ao ambiente ao qual está inserido, já que apresenta, muitas vezes, uma linguagem demasiadamente informal para uma entrevista de TV. É interessante destacar que, mesmo com sua postura radical e polêmica, Silas Malafaia possui um grande público que o acompanha e concorda com o que é expresso por ele. Essa grande adesão nos levar a crer que pode ser justamente esse estilo polêmico do pastor um dos fatores que favorece a captação do seu público. A Igreja representada pela fala do entrevistado é tradicional e intolerante no que diz respeito a diversas temáticas polêmicas, principalmente, no que tange à homoafetividade que foi a questão central abordada na entrevista.

Ao pensarmos no tradicionalismo e na intolerância das Igrejas frente a tantas mudanças sociais e culturais, é extremamente válida uma reflexão a respeito da influência dos formadores de opinião nos dias de hoje. Como percebemos nas análises, o religioso acaba construindo discursos que podem incitar à violência, principalmente, no que se refere a temas como as relações homoafetivas. Sendo assim, a Igreja como uma instituição que prega valores, como o respeito e o amor ao próximo, deveria ser mais tolerante e cuidadosa ao se posicionar sobre determinadas temáticas, afinal, sabemos que essa instituição ainda influencia no pensar, sentir e também no agir de seus fiéis. Diante da repercussão dessa e de outras manifestações desse tipo por meio da mídia, observamos a grande influência da polêmica sobre o discurso religioso, que influencia seus fiéis através da argumentação forte e convincente, pautada sempre nos valores transmitidos pela Bíblia e pela Igreja, mesmo que esses contrariem todas as mudanças sociais advindas na contemporaneidade.

ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *De frente com Gabi*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.99-118, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Referências

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014a. p. 09-23.
- _____. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 119-136.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2^a. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- ASSIS, Denise. **Igrejas de frente com Gabi**: uma análise do discurso religioso midiatizado. 2017. 204 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa- Viçosa.
- _____. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 119-136.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BARTHES, Roland. **A retórica da imagem**. In: O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. P. 7-42.
- BRANDÃO, Helena H. N Discurso e polêmica num debate político. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, v. 37, 1994. p. 129-134.
- _____. **Introdução à análise do discurso**. 3^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso, controvérsias e perspectivas. In: Mari, H. et alii (dir.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 27-43.
- _____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. **Discurso Político**. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HADDAD, Galit. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland In:

ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. A construção de uma imagem polêmica no discurso religioso: Silas Malafaia *De frente com Gabi*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.99-118, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos Chave da Análise do Discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

_____. **Gênese do discurso.** Curitiba: Criar, 2007.

_____. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G.M.P.; MACHADO, I.L e EMEDIATO, W. **Análises do discurso hoje.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Ethos, Cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2014. p. 69-90.

NARDELLI, Nelci. A construção do ethos como estratégia argumentativa: a polêmica sobre a avaliação da educação superior. In: **Revista brasileira de estudo pedagógico.** Brasília, v. 90, n. 225, maio/ago., 2009. p. 290-310.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. A. ed., Campinas: Pontes, 1987.

PEREIRA, José C. Religião e poder: Os símbolos do poder sagrado. In: **Revista Eletrônica de Ciências Social**, vol 3, ano 2, 2008.

SILVA, Sandra Rosa C.G. Protestantismo: surgimento, subdivisões, crescimento no Brasil e sua relação com a política, economia e educação. **Revista da Católica:** Uberlândia, v. 1, n. 2, 2009. p. 03-22.

WEBER Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

Recebido em julho de 2017.

Aceito em setembro de 2017.